

SUSANNA PEYRONEL RAMBALDI, **Una gentildonna irrequieta. Giulia Gonzaga fra reti familiari e relazioni eterodosse**. Roma: Viella Libreria Editrice, 2012. ISBN: 978-88-8334-926-3.

No V centenário do nascimento de Giulia Gonzaga [Mantua, 1513-1566], este estudo de natureza biográfica da autoria de Susana Peyronel funciona, também, como uma forma de comemoração da efeméride, chamando a atenção para a importância da acção desta figura feminina, no âmbito das redes familiares e de poder na Itália do século XVI. De resto, o título escolhido, *Una gentildonna irrequieta. Giulia Gonzaga fra reti familiari e relazioni eterodosse*, evidencia as duas dimensões consideradas essenciais pela Autora: a inserção de Giulia Gonzaga no quadro complexo da importância ideológica da linhagem e vinculação de patrimónios – o texto refere explicitamente que «La Gonzaga fu anzitutto donna profondamente legata al suo ceto, alla sua potente famiglia e alle strategie familiari e politiche in un período cruciale della storia italiana [...]» (Premessa) – e a sua pertença aos círculos espirituais próximos de Juan de Valdés. Em todo o caso, a Autora propõe-se lançar um olhar «novo», ou pelo menos diverso, sobre a forma como a historiografia tem tratado, em seu entender, esta figura, interrogando fontes que apresentam um perfil bem mais complexo de G. Gonzaga do que aquele que a fixou como «discepolo prediletta di Juan de Valdés e al centro del gruppo degli “spirituali” valdesiani, amica fedelissima del protonotario Pietro Carnesechi che, condannato per eresia, salirà al patibolo un anno dopo la sua morte» (Premessa). Privilegiando a longa «Addizione» que Giuseppe Betussi juntou à tradução *De claris mulieribus* de Boccaccio, a Autora faz sobressair a forma como a «vida» aí inserta retrata Giulia Gonzaga, não apenas como «[...] di sangue molto illustre, e di molti beni del corpo e dell’animo [...] la vivacità degli occhi per il parlare soave, la nobiltà del cuore, e la grandezza dell’animo» e, essencialmente, o facto de viúva, casada muito jovem com o «molto maduro» Vespasiano Colonna, ter vivido sempre «casta, e pudica, conservando «le bellezze sue candide, puré, senza machia alcuna» (Premessa, p.10), mas, sobretudo, o seu peso na rede de estratégias familiares que a levam a desempenhar um papel fundamental no sistema de práticas e «representações» da sua linhagem, ao ter combinado o matrimónio do irmão com a enteada, herdeira «dei feudi del Colonna, adirittura contro la volontà di un pontefice troppo interessato alle terre di questi riottosi feudatari». A Autora considera, assim, numa linha de leitura do texto de Betussi e de interpretação que sustentará a argumentação desenvolvida ao longo da obra, que os contemporâneos de Giulia terão sido muito mais sensíveis à sua dimensão de acção política do que, verdadeiramente, às controversas experiências de natureza espiritual, no seio de movimentos de renovação religiosa, que a tornaram conhecida nos círculos valdesianos. Esta obra expõe, assim, uma tese que a Autora resume em poucas palavras: «Emblematicamente, l’esperienza valdesiana – com il richiamo ad una profonda e sofferta esperienza cristiana e la polemica

contro i formalismi, le pratiche superstiziose, gli obblighi devozionali – si coniugò in lei com la difesa del lignaggio, del “sangue suo”, dell’onore familiare e di “questa casa”, ma soprattutto del nipote Vespasiano, verso il quale indirizzò ogni ambizione» (Premessa, p. 12).

Para provar a tese acima exposta, Susanna Peyronel Rambaldi examina, num primeiro capítulo intitulado «Nascere Gonzaga», o lugar, a lógica dos poderes, as estratégias matrimoniais destes «piccoli stati», que se empenharam em acrescentar não apenas os seus territórios, já que periféricos em relação ao já por si «periférico» estado mantuano, não eram verdadeiramente territórios em expansão, mas, essencialmente, uma espécie de poder simbólico, numa lógica de exercício de governo soberano, baseado em estruturas administrativas que procuravam completar-se pela existência de cortes «nel tentativi di dare dimensione urbane ai piccoli borghi» (p. 39), articulando harmoniosamente «valore militare» e «buone lettere» (p. 45). No capítulo seguinte, «La vera età dell’oro», a Autora descreve, com rigor, a estratégia de alianças, ao tempo do nascimento e da primeira década de vida de Giulia. Em 1513, o pai, Ludovico, era ainda *condottiero* ao serviço dos franceses, mas, em 1521, «cesareus armorum capitaneus generalis» recebia de Carlos V a investidura «dei suoi feudi assieme ai fratelli Federico e Pirro, in quanto “marchiones, principes, comites et domini” del Sacro romano impero» (p. 58). Giulia, depois de ter ficado viúva, aos dezoito anos, de Vespasiano, «infirmus, ac claudus, ac mancus», falecido em Março de 1528, deixada pelo marido «donna e patronna in tutto lo stato predetto [lo Stato di Campagna] e anco del Regno sua vita durante, servando lo habito di vidua», empenhou-se em estratégias familiares de molde a favorecer o matrimónio da sua enteada com o irmão, Luigi Gonzaga, que acabou por converter-se em senhor do condado de Fondi e do ducado de Traetto. Foi aí que, em 1531, Giulia passou a viver, governando-as em nome do irmão e foi aí que nasceu o sobrinho Vespasiano, cerne das alianças e redes de influências que desenvolveu, e que se tornou, por algum tempo, o centro de uma pequena corte literária que a Autora analisa e descreve com pormenor, dispensando importantes informações e não ignorando as dúvidas e alguma polémica à volta do verdadeiro retrato pintado de Giulia Gonzaga. No capítulo terceiro, «Napoli fedelissima», a Autora estuda a presença de Giulia «tra palazzo e monastero», depois de se ter dirigido em Dezembro de 1535 a Nápoles para receber Carlos V. Nesse mesmo Dezembro de 1535, em que Giulia passa a habitar o mosteiro de clarissas de San Francesco delle Monache (p. 125), a Autora destaca, entre os debates à volta de citações ou alusões à Sagrada Escritura presentes em sonetos e outras composições poéticas, o gosto pela astrologia e as relações com Marcantonio Flaminio e Pietro Carnesecchi. «Governare dal monastero», título do capítulo nº 4, sublinha a importância do estudo da correspondência, estudando o epistolário de Giulia, a que a autora já tinha dedicado atenção no artigo «La corrispondenza di Giulia Gonzaga» (*Donne di potere nel rinascimento*, pp. 709-742), evidenciando que «I suoi estesi rapporti,

pur orchestrati da un monastero, permettono di rileggere questa storia da molteplici angolatura, rivelando un eloquente intreccio tra ragioni politiche e più caute e segrete relazioni relegiose, tra protezioni ancora potenti ed efficaci e drammatici fallimenti» (p. 177). No último capítulo, «Clientele femminili e reti ereticali», Susanna Peyronel Rambaldi aceita a dificuldade de decifrar, com a clareza necessária a um conhecimento rigoroso, uma rede de relações também no feminino, desenvolvidas por muitos anos entre Nápoles, Milão e Mântua, especialmente com Isabella Bresegna, «la piú cara amica ch'io habia al mondo», e que, na Páscoa de 1553, participou numa «cena calvinista» (p. 275) em Ferrara, na corte de Renata de França, relações que, nas palavras da Autora, se transformaram rapidamente «in una rete complessa di rapporti e insieme di protezioni ed alleanze[...]» (p. 259). Aliás, Isabella Bresegna foi acusada perante a Inquisição, por um discípulo de Busale, Giovanni Laureto, tendo sido obrigada à abjuração e acabando por sair de Itália em 1557, de acordo com a correspondência trocada entre Giulia Gonzaga e Carnesecchi. Como é óbvio, um dos temas essenciais do livro, embora não o mais importante, centra-se na relação de Giulia Gonzaga com Juan Valdés. A Autora procura estudar o funcionamento deste círculo «valdesiano», cujas reuniões se desenrolavam no palácio que Giulia possuía em Nápoles e onde se hospedava Valdés que, como é sabido, lhe dedicou o *Alfabeto Christiano*. Porém, a partir de 1550, a «aristocracia de Valdés», como a designa a Autora, foi atingida pela Inquisição e Giulia, suspeita pelas cartas que Valdés lhe havia confiado antes de morrer, pediu protecção, em 1553, ao Cardeal Ercole Gonzaga, reconhecendo ter possuído livros de Valdés, mas assegurando que jamais se tinha afastado da Igreja Católica. Para além de uma conclusão que problematiza e enquadra as questões assinaladas, esta obra dispõe de uma muito completa bibliografia de fontes e estudos e de um muito útil índice onomástico, abrindo um leque de problemas que, embora centrados no jogo de influências e poderes intencionalmente orientados para o engrandecimento da Casa a que pertencia, não ignoram o que a Autora designa por «inquietudines» religiosas e amizades heterodoxas, como a que manteve com Pietro Carnesechi que, na correspondência enviada de Veneza, falava dos acontecimentos da Europa e qualificava de sábio o governo de Isabel de Inglaterra.

Zulmira C. Santos
(CITCEM – FLUP)